

Páscoa sem passagem será ainda páscoa?

De entre as várias medidas lançadas pela segunda vaga de ‘estado de emergência’ há uma que, certamente, não será esquecida por muito tempo: não se pode circular para fora do concelho de residência habitual entre 9 e 13 de abril, isto é, desde a quinta-feira da semana santa até à segunda-feira após o domingo de Páscoa...

Quem infringir o estipulado terá pesado castigo!

As várias medidas restritivas decorrentes do estado de pandemia do ‘covid-19’ tentam (tentaram ou tentarão) criar condições para controlar o problema, condicionando as pessoas o mais possível à sua casa. Embora uma parte significativa de pessoas tenha entendido, suportado e vivido este regime, nem sempre os factos foram tão benéficos quanto seria suposto num tempo de civilização...

= Será que o confinamento das pessoas à sua residência resolverá, efetivamente, o problema da disseminação do vírus? Não andaremos a enfatizar pormenores – uso de máscaras, desinfecções e outros adereços – esquecendo-nos do essencial? O tal resguardo social não passará de um disfarce para enfrentarmos o que é mais importante, saber respeitar os outros mais do que vivermos sem restrições nem regras?

= Em tudo isto que temos estado a viver – mais intensamente desde meados de março – podemos encontrar um chamamento a refletirmos sobre tantas coisas da nossa vida pessoal e social. De facto, em tempos de cristandade – correspondência entre sociedade e Igreja, misturando-se as funções, os atributos e mesmo as consequências... vigorou, nos países ocidentais, até meados do século XX – havia alguns condicionamentos em tempo de quaresma, desde a simbologia das cinzas até à erupção festiva da Páscoa: manifestações festivas eram contidas nesses dias, criando um ambiente de penitência coletiva/social. Com alguma da pretensa emancipação da sociedade – dita civil, mas antes civilista – como que acabaram, na maior parte do território nacional – cingimo-nos ao nosso país – gestos, atitudes, cores e devoções de âmbito geral... Se excetuarmos algumas procissões de ‘passos’ e certos ritos de ‘via-sacra’, a quaresma passou a ser uma questão de minoria, senão exótica ao menos exotérica, isto é, para iniciados.

Mas eis que o coronavírus ‘covid-19’ colocou toda a sociedade em quarentena. Só por ignorância ou má-fé se não faz a ligação entre as duas palavras, tanto na origem como na execução. Não queriam aceitar as regras religiosas, mas as circunstâncias higiene-sanitárias a tal exigem. Não queriam reter-se para celebrar as ‘coisas da religião’, agora fazem-no por coação. Fugiam de férias para o Algarve e em destinos de veraneio, agora estão confinados ao concelho de residência. Estavam-se nas tintas para as tricas religiosas católicas, agora se desobedecerem podem cair nas malhas da lei, indo ocupar as celas dos presos em soltura por indulto do Presidente...

= Sobre o significado etimológico da palavra ‘páscoa’ temos de ir ao hebraico – ‘pesah’ – caminhar pelo grego – ‘paskha’ – andar pelo latim – ‘pascha’ – e dizermos em português, páscoa. Como festa de origem judaica remonta à vivência do êxodo do povo de Deus do Egipto em libertação: Deus passa, libertando o seu povo; o povo de Deus passa (sai), liberto da escravidão (cf. Ex 12). Assim, em cada ano, ao celebrar a Páscoa, os judeus estavam a fazer memória desse momento constitutivo como povo e nação.

Ora, a paixão-morte-ressurreição de Jesus aconteceu por ocasião da celebração da festa da Páscoa judaica. Isso fará com que os discípulos de Jesus ao celebrarem a ressurreição do Senhor lhe associem aquilo que eram as suas raízes no judaísmo. De verdade, o centro da fé cristã é a celebração da Páscoa de Jesus, tal como disse São Paulo: ‘se Cristo não ressuscitou é vã a nossa fé’ (cf. 1 Cor 15,14).

Mas será que ao vermos tantos cristãos a trocarem uns dias de férias pela não-celebração da Páscoa não estaríamos a subverter em proveito próprio o central do mistério que levava a que tivessem algum tempo de descanso? Esses que tal tinham tal programa de vida já se questionaram sobre o significado mais profundo desta prescrição de isolamento não-social? O que faltará ainda para que deixemos de usufruir das coisas – vejam-se as comidas de páscoa e outros adereços – sem delas saberem o conteúdo e significação?

Páscoa é passagem de quê, para quem e porquê? A quaresma foi forçada, a Páscoa será mais consciente?